

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” – UNESP**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DO HIP-HOP NA EDUCAÇÃO DE**  
**PERIFERIA: Um estudo sobre o Projeto Pequenos Obreiros de**  
**Curuçá**

**GABRIEL GOMES SANT’ANNA**

**BAURU/SP**

**2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE  
MESQUITA FILHO” – UNESP**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DO HIP-HOP NA EDUCAÇÃO  
DE PERIFERIA: Um estudo sobre o Projeto Pequenos  
Obreiros de Curuçá**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de licenciado em Pedagogia  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de  
Mesquita Filho"  
Orientador: Prof. Dr. Macioniro Celeste Filho

**GABRIEL GOMES SANT’ANNA**

**Bauru/SP**

**2023**

S231i	<p>Sant'Anna, Gabriel Gomes</p> <p>A Importância do Hip-Hop na Educação de Periferia : Um Estudo sobre o Projeto Pequenos Obreiros de Curuçá / Gabriel Gomes Sant'Anna. -- Bauru, 2023</p> <p>41 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru</p> <p>Orientador: Macioniro Celeste Filho</p> <p>1. Educação. 2. Hip-Hop. 3. Periferia. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe, por todo o apoio durante o curso, a atenção e o carinho.

A minha irmã, por ouvir e estar presente.

Ao meu pai, por ter me apresentado o Rap e o Hip-Hop e ter mudado minha visão sobre o mundo.

Ao meu melhor amigo e irmão, Thiago Marques, por estar presente desde o vestibular até agora, por ter compartilhado comigo o tema desta pesquisa a paixão pelo Rap e pela luta contra o racismo e o entendimento enquanto pessoas pretas numa Universidade de maioria branca.

Ao meu amigo e professor, Henrique, que me ajudou a passar pro curso, me aconselhou e acompanhou cada passo dentro da universidade com um olhar de orgulho.

A minha amiga e colega de classe, Leticia Oliveira, por estar comigo no início da faculdade até a pandemia, pelos trabalhos juntos e conversas.

A minha namorada, Mariana Flório, me apoiou, ouviu e ajudou nesta reta final de curso.

Ao professor Dr. Vitor Machado, que foi extremamente importante na minha formação e entendimento de perspectivas que não haviam sido mostradas e por apoiar toda a construção desta pesquisa com extremo interesse.

Ao meu orientador e professor, Dr. Macioniro Celeste, por ter paciência e sabedoria para me aconselhar e guiar durante todo o processo de construção deste trabalho e durante as aulas da faculdade com seus conselhos mirabolantes.

A professora e coordenadora do curso, Fernanda Rossi, por aceitar participar da banca avaliadora desta pesquisa e por todo o apoio durante o curso.

A Nilva Aparecida, por se interessar pelo tema e aceitar fazer parte da banca avaliadora desta pesquisa.

A coordenadora do POC, Marly Falsetti por seder a entrevista e acrescentar muito a esta pesquisa.

Ao Educador Social e B-boy referencia, Romario Eduardo Ramalio, conhecido como “Costelinha”, por aceitar ser entrevistado e acrescentar muitíssimo a esta pesquisa.

“Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?  
Cê tá dirigindo um carro  
O mundo todo tá de olho em você, morou?  
Sabe por quê? Pela sua origem, morou irmão?  
É desse jeito que você vive, é o negro drama  
Eu não li, eu não assisti  
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama  
Eu sou o fruto do negro drama”  
Racionais Mc- Negro Drama

## **Resumo**

Este projeto de pesquisa apresenta uma discussão sobre a importância da cultura hip-hop como um movimento para a periferia. Afinal, de qual maneira o hip-hop pode auxiliar a periferia através dos projetos de cultura. O hip-hop pode auxiliar na educação, ajudar os jovens de periferia dentro do processo educacional, sendo em disciplinas na escola formal ou dentro de projetos sociais de educação não formal. O movimento é hoje uma das principais formas de expressão da periferia e uma das principais fontes de cultura. Desta forma, este projeto ~~tr~~ compreender como funciona a relação entre o hip-hop, a periferia e a educação.

**Palavras-Chave:** Hip-hop. Educação. Periferia.

## **Abstract**

THE IMPORTANCE OF HIP HOP IN PERIPHERY EDUCATION: A study on the Pequenos Obreiros de Curuça Project

This research project presents a discussion about the importance of hip-hop culture as a movement towards the periphery. After all, how can hip-hop help the periphery beyond culture projects? Hip-hop can help in education, help young people from the periphery within the educational process, whether in formal school subjects or within social projects of non-formal education. The movement is today one of the main forms of expression on the periphery and one of the main sources of culture. In this way, this project tries to understand how the relationship between hip-hop, the periphery and education works.

**Keywords:** Hip hop. Education. Periphery.

## Sumário

1.Introdução .....	9
2.Arte na Educação não formal e Hip-Hop .....	13
2.3.1O DeeJay (DJ) .....	20
2.3.2O Mestre de Cerimonia (MC) .....	21
2.3.3 Breaking.....	23
2.3.4 O Grafite.....	23
2.4 A Pedagogia Hip-Hop .....	26
3.Metodologia de Pesquisa.....	26
4. Projeto Pequenos Obreiros de curuça .....	29
4.1 Da Ponte pra Cá- POC e a Vila Dutra .....	29
4.2 Os Pequenos Obreiros de Curuça .....	30
4.3 Costelinha- O Hip-Hop na prática. ....	35
5.Considerações Finais .....	40
Referências .....	42

## 1. Introdução

Neste trabalho foi estudado como o movimento do Hip-Hop auxilia através de espaços de educação não formal crianças e adolescentes de periferia durante o processo educacional. De qual maneira a cultura do hip-hop poderia evitar a evasão escolar dos jovens periféricos.

O movimento cultural Hip-Hop surge na década de 1970 no Bronx, região periférica de Nova Iorque. Ele surge como uma forma de expressão cultural e para o lazer dos jovens da comunidade negra e latina do local, tendo se expandido por todo o território americano conforme o passar das décadas, chegando até mesmo em outros países, como o Brasil.

O Hip-Hop é formado por quatro pilares principais, cada um independente do outro, mas ao mesmo tempo complementares entre si para o movimento. Esses pilares são o Grafite, a representação visual do hip-hop, como os desenhos característicos nas paredes da cidade de São Paulo e nas periferias, que reiteram críticas ao sistema e representações importantes para o artista ou comunidade, o Break, a dança, o movimento, o break é o estilo de dança do hip-hop, com os *b-boys e b-girls* trazendo através dele o espírito do Hip-Hop, o Mestre de cerimônia, inspirado nos *Griots* africanos que eram grandes contadores de histórias, os mestres de cerimônia ou como são chamados, os *Mc's*, são aqueles que vão conduzir a palavra da cultura, trazendo o elemento oral e escrito para representar as vivências periféricas e o *Deejay*, o maestro do Hip-Hop, também chamado de DJ, é quem vai conduzir todos os outros elementos através da batida, do ritmo, e por fim há um quinto elemento, que se torna o mais crucial dentre todos da cultura hip-hop e que se perpetua por todos os outros, o conhecimento. Cada um com suas características expande e expressa a cultura do Hip-Hop. A estrutura cultural do movimento se baseia nas periferias, como uma forma dos guetos americanos expressarem tanto seu repúdio à violência cotidiana quanto à sua vivência de vida.

O Hip Hop consiste em um movimento estético-político que incorpora dança, música (rap) basquetebol, artes plásticas, poesia, capoeira, prática política e educacional com releituras das tradições africanas do candomblé, mas também do cristianismo. (MESSIAS, 2008, p.14)

Desta forma, expressando os acontecimentos da periferia, o Hip-Hop se tornou uma forma de grito social contra o sistema. A principal voz desse grito é o MC, que se forma após um tempo através do *Rap* (*rhythm and poetry*) que é a junção do MC com o DJ, o som da batida com a palavra escrita, o Rap é uma expressão forte do ritmo e da poesia da periferia.

Ao trabalhar com o movimento do Hip Hop e com o Rap, o MC se apresenta como

um dos personagens principais deste roteiro, pois é ele que narra e descreve com seus olhos a visão do mundo descrito pela letra. Desta forma, é possível associar o Mestre de cerimônia (MC) com um *Griot*, pois “é como são chamados, em alguns povos da África, os contadores de histórias. Possuem uma função especial que é a de narrar as 4 tradições e os acontecimentos de um povo” e devido ao fato de que “os *griots* também são músicos e muitas vezes as narrativas são cantadas.”

A configuração da cultura e do conhecimento é feita a partir do esquecimento e aspectos ideológicos que se plasam em tradição, incorporando-se ao cotidiano. Tratar de origem é reportar-se mais à 42 psique, ao julgamento subjetivo que ao julgamento de fato. A origem do rap é a mestiçagem; é o ecletismo cultural com elementos do lúdico no trágico residente na experiência dos povos pretos na América. Indubtavelmente, o Hip Hop é um estilo importado, mas não se originou puramente em solo norte-americano. Os jamaicanos com mini-trios elétricos nas ruas já desafiavam uns aos outros, estabelecendo batalhas em improvisos vocais ao som de cantores jamaicanos como Dillinger, Big Youth, U-Roy, I-Roy. Na Jamaica dos anos 70, Dillinger, U-Roy, Big Youth já utilizavam a composição própria sobre a melodia de outros cantores; já faziam paródias musicais (sample). O Bronx e o Brasil dificilmente conheceriam rap sem que a tradição oral africana estivesse impregnada no estilo vocal dos jamaicanos Duke Reid, Coxsone Dodd, Kool Herk que levaram técnica vocal acoplada aos pequenos trios elétricos (sound systems) para os Estados Unidos a partir da década de 60. Exportaram também o manuseio da paródia rítmica (sample), a interrupção e colagem musical (break), o arranhão sonoro (scratch), o desafio improvisado (free-style) e a canção falada dos contadores de história africanos (griots) habitando as Américas. Esse improviso griot foi algo peculiar às diversas etnias espalhadas nas Américas. Hoje como ontem, para tornar-se um griot é preciso aprender genealogias e história, e não somente as palavras, como também a música.<sup>12</sup> Sobre o improviso musical de trabalhadores escravizados na Bahia do século XIX, Verger (3ª ed., p.504) descreve através de depoimentos dessa época: “aqueles coros começam geralmente com uma observação cantada por um dos negros sobre uma coisa qualquer que ele vê, que pode ser mais ou menos ridícula e que outros retomam em cor. Esse improviso griot foi algo peculiar às diversas etnias antes africanas espalhadas nas Américas (MESSIAS, 2008, p.42)

No Brasil, o Hip-Hop tem como berço a cidade de São Paulo na década de 1980, nesse período o movimento chegou ao Brasil com grande força no Break, pois em uma era pré-internet, os jovens se uniam nas estações para ouvir os beats e batidas contagiantes feitas pelos DJ's e dançar. Esse movimento foi fortalecido com a chegada do filme “Na Onda do Break” de 1984.

Em um período de ditadura, o hip-hop era visto como uma cultura violenta e agressiva em meio a tantos preconceitos do período. Por ser um estilo musical mais periférico, que manifestava a cultura negra, foi fortemente reprimido. O hip-hop se tornou uma forma do jovem negro se integrar socialmente neste período e ter pra si uma forma de expressão fora dos

padrões que existiam naquele momento, como o MPB e o Rock, que tinham seu auge na época como forma de expressão de revolta.

Com o surgimento dos primeiros álbuns de rap, o movimento se fortaleceu mais ainda e o rap brasileiro se tornou uma forma de integração social da periferia, a expressão da vivenciada favela brasileira em músicas. O maior ícone dessa expansão foi o grupo Racionais MC's com a coletânea "Consciência *Black*, Vol. I" no ano de 1989.

Na década de 1990, o rap e o hip-hop se firmam como a principal expressão da periferianacional, com a criação dos bailes *blacks* e a disseminação das letras como a forma de dizer o que sentiam. Novos grupos surgiram, músicas foram proibidas pelo Estado por serem "agressivas e incitarem o ódio", mas o hip-hop se firmou como uma das principais expressões culturais da periferia.

O hip-hop se fortaleceu no país e projetos foram criados em bairros periféricos e nas favelas. O break e o grafite se firmam como forma de arte e são ensinados para as crianças em horários contrários aos de aula, o rap se torna um meio de expressão e de ensinar poesia para as crianças de forma mais próxima de sua realidade.

Nos dias de hoje, tem-se como grande exemplo da massificação da importância do rap e do movimento do hip-hop na educação nacional, principalmente na integração da periferia a sociedade, o surgimento de questões de língua portuguesa em vestibulares importantes com letras de rap. No ENEM do ano de 2017, a música "fim de semana no parque" do Racionais MC's foi tema de uma das questões de interpretação de texto e linguagem e códigos. Em 2019, na divulgação da lista oficial de livros que se deve ler para o vestibular está o álbum "Sobrevivendo no inferno" também do Racionais.

Desta forma, o rap e o hip-hop se tornam uma forma de expressão cultural de nível mundial, tendências são criadas em cada país em que o movimento se apresenta, seja ele no México, EUA ou Brasil, cada característica do movimento se transforma, porém, suas importâncias sociais se mantêm. Hoje, os projetos de hip-hop ensinam a arte, mas também podem utilizar de sua influência para impedir que os jovens desistam de construir sonhos e desenvolver interesses para além de sua perspectiva, expandindo seus horizontes.

Esta pesquisa teve como objetivo analisar qual a importância deste projeto e de suas ramificações para os jovens que participam ou participaram. Entender as formas utilizadas pelo para se aproximar dos alunos. Analisar como o hip-hop influencia os jovens e como o rap está presente na vida dos participantes do projeto. Entender como o movimento do hip-

hop influenciou na vida dos voluntários e também das pessoas integradas ao projeto.

## **2. Arte na Educação não formal e Hip Hop**

Nesta parte da pesquisa será apresentada alguns autores que debatem sobre os temas principais de foco deste estudo. Dentre eles, estão escritores como Bruno Marcelo S. De Costa, Pereira e Guimarães, Gaede Neto e seu estudos voltados para a arte e educação, Cristiane Correia Dias e sua tese sobre a pedagogia Hip-Hop e o uso do corpo e do movimento para a construção negra e periférica. também tem-se a base em estudos sobre Educação não formal, apresentando resoluções de Gabrielle Rabello Quadra, Stephane D'avila, Jamila Prata Aguiar e outros. Buscando compreender também sobre o Hip-hop, autores como Ivan dos Santos Messias, Willian Goés Ribeiro e mais alguns se apresentam e acrescentam as ideias contruídas nesta pesquisa. A mesma será dividida entre o estudo da educação não formal, a presença da arte na educação e o hip-hop como influência os mesmos.

### **2.1 A Educação não formal**

Quando se entra no assunto da educação, a escola é o principal enfoque, pois é na mesma que a educação se constrói não só por si, mas também no imaginário coletivo. Porém, como dito por Quadra e D'avila (2016, p.22):

A escola é importante, mas não é o único ambiente que auxilia no processo de formação, e portanto, não podemos desvincular o que ocorre fora da escola, no ambiente familiar e cultural onde o aluno se encontra. A educação é um processo constante, sendo resultado das instituições e das relações sociais.

Dentro deste contexto, pode-se perceber a imensa importância não só da escola para a educação, mas o ambiente social em si. A educação não formal se trata de perceber estes lugares dentro da sociedade, seja em projetos sociais, em casa ou até mesmo em eventos de rua, a percepção de uma educação voltada para todos de uma maneira não formalizada na escola.

Observando os espaços não formais, vê-se uma nova possibilidade em educação, e a presença então de um profissional educacional se torna algo extremamente positivo. O pedagogo, como dito por Filho e da Silva(2016), é o especialista da educação que colabora com outras ciências de cunho educativo sem necessariamente exercer o ensino. Desta maneira, pode-se entender então que esta presença nos ambientes não formais de educação acrescenta tanto para o espaço quanto para o profissional de pedagogia, pois naquele ambiente ele está inserido em algo possivelmente distante de seu costume e que o auxilia a expandir sua visão sobre a educação.

Os espaços não formais de educação não se limitam somente a prédios, locais físicos, eles também estão presentes nas ruas, como por exemplo em feiras culturais, espaços de dança, canto, grafite, onde se trabalham diferentes percepções de mundo. Porém, é necessário a intencionalidade da educação para a diferenciação da educação não formal da educação informal, como dito por Gohn (2006, p.5).

Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se frequenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu etc.

A educação não formal traz o grande ponto de trazer a aproximação entre a criança/adolescente de um ambiente onde aprender se torna prazeroso, pois se parece mais com sua realidade do que a escola formal. Dentro deste contexto, como dito por Gohn (2006, p.6)

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Em suma, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social.

Partindo da percepção de que o movimento Hip Hop faz parte do processo de desenvolvimento cultural periférico, e a educação não formal nestes ambientes está diretamente ligada a este desenvolvimento, pode se afirmar como diz Medrado (2020, p.59)

Tal qual o Hip Hop, a lógica da educação não formal e da interdisciplinaridade emerge da coletividade na qual prevalece a interação entre os envolvidos no processo educativo. Considerando essa ideia, o ensino, quando pautado pela interdisciplinaridade e pela ampliação além da escola, possibilita a construção do conhecimento global, em detrimento do saber restrito aos limites disciplinares.

Desta maneira então, é possível perceber a educação não formal como algo necessário dentro da sociedade, pois nela há um desenvolvimento mútuo de educador e educando através do meio, compreendendo a realidade vivida naquele ambiente, desde o convívio dos alunos com a “rua”, suas famílias e como o educador lida com estes pontos. Um dos meios que se exalta nesta relação é a arte, pois a arte esta nas ruas da periferia e no cotidiano destas pessoas presentes nos locais de educação não formal, ela une e aproxima.

## 2.2 A Arte e a Educação

A arte tem uma relação extremamente direta com a evolução do ser humano. Conforme a sociedade se modifica, a arte se modifica junto e segue referenciando cada revolta, sentimento, sensação da humanidade, sendo parte essencial da construção de uma cultura. Dentro da educação, a arte se apresenta como algo vital, pois a mesma traz além do senso crítico uma visão diferente sobre aspectos culturais, sociais e históricos.

Dentro desta pesquisa, a arte entra como um ponto essencial, pois é através dela que se cria e se apresenta um novo mundo para um aluno. O pedagogo, quando próximo da arte, pode trazer diversos aspectos de conteúdos através da mesma, e na educação não formal, estas possibilidades são ampliadas, pois como dito por Albano (2010,p. 34)

Vivemos na escola a demarcação de territórios, a delimitação de áreas de conhecimento. E estou propondo aqui uma possibilidade de encontro. Mas um encontro que apenas pode ocorrer quando, cientes das especificidades de cada campo, os sujeitos se dispuserem a olhar, a procurar compreender as diferenças e, então, a iniciar um diálogo.

Se os pedagogos não entendem os artistas, poderíamos nos perguntar se estes se preocupam em se fazerem entender. Tive o privilégio de acompanhar o processo de ambos os lados.

A arte é um ponto de importância dentro da educação por diversos motivos, porém, dentro da arte, está todo o contexto político e social de algo, como dito por Iavelberg (2014, p. 54)

O ensino de arte está ligado à história da arte, da educação e da criança. As teorias e práticas em sala de aula são fruto de ideias, do contexto político e social de cada época, portanto, ensinar aos professores a história do ensino da área de arte na educação escolar é importante para conscientizá-los sobre o valor da memória e da origem das propostas curriculares contemporâneas.

Portanto, pode se perceber que o ensino de arte vai além somente do conceituado em certas escolas formais, as quais se trabalha a “educação artística”, focando diretamente nas artes visuais e não em todos os outros componentes que formulam a arte, o teatro, a dança, a música.

No Brasil, o ensino de Arte faz referência às modalidades artísticas ligadas à imagens, sons, movimentos e cenas. Observa-se a integração de diferentes orientações quanto às suas finalidades, à formação e atuação dos professores, mas principalmente, quanto às políticas educacionais e os enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos. É identificado pela visão humanista e filosófica que demarcou as tendências tradicionalistas e escolanovista, as quais vigoraram desde o início do século XX e ainda hoje estão presentes na disciplina Arte. (ZANIN, 2004, p.58)

E o que seria a arte se não a própria vida, afinal, trazendo para um parâmetro de estudo da educação brasileira com todos seus problemas e atrasos, com todos os questionamentos, a arte se posiciona como algo a mais. A vida é um desafio, é filosófica e reflexiva por si só, e a

vivência social condiz com esta construção artística e isso é o Hip-Hop, como dito por Pereira (2010. P. 126)

As obras e as experiências de arte desenvolvidas pelo Grupo Madre Hip-Hop estão sempre repletas de conteúdos de suas vidas “reais”: desejos de emancipação pessoal e integração social; denúncias e resistências relacionadas às opressões culturais – sociais, políticas, morais, estéticas – sofridas por eles no dia a dia

A formação da humanidade se dá por toda sua construção socio-histórica, principalmente por sua construção cultural. A arte é o pontapé inicial da construção cultural de qualquer região, pois ela abrange cada um dos pontos de cultura do homem, a língua, a escrita, a corporeidade em sua essência.

Não basta somente apresentar a Arte e seus pontos eurocêntricos em sala de aula, mas sim abrir todo um leque de opções que levem ao entendimento que os sentimentos podem ser transformados em arte como forma de expressão. É preciso apresentar a arte como um elemento, uma parte da humanidade necessária para compreender até mesmo sua própria vivência.

Compreendendo estes conceitos, é preciso aprofundar e entender a história da arte na educação brasileira, criando o questionamento do motivo do Hip-Hop ser essencial dentro da arte nacional e principalmente para a educação.

A manifestação artística de um povo cria força em seu vínculo com suas origens, logo, se apresenta como uma construção sócio histórica que detêm todo um sentimento de pertencimento. Como dito por Serejo, (2010, p.1)

A arte tem grande influência e reflete as características culturais. Se por um lado a sociedade produz a arte, por outro lado a arte também constrói a sociedade, através do espaço da memória. Arte é cultura, que por sua vez é sensibilidade e cidadania. A arte é a expressão de uma sociedade, é uma forma de conhecimento, um meio de o homem contemplar o mundo.

Trazendo isto para o Brasil, temos um elemento crucial para a representação artística nacional. Existe um denominador que existiu em diversos lugares do planeta, que criou uma mudança drástica na arte e que séculos depois levaria a criação do Hip-Hop, designando toda sua importância como uma resposta à algo que acontecera centenas de anos antes, a colonização. Como dito no discurso Aimé Césaire no Primeiro Congresso Internacional de Escritores e Artistas negros, qual seria o denominador comum que unirá homens negros africanos, norte americanos antilhanos e malgaxes. (Pires, 2019, p.333)

A construção artística periférica foi indeferida durante toda história do Brasil, assim como outros parâmetros que se referiam à população negra brasileira. Para o colonizador Europeu, a arte negra é primitiva, e isso se expande para a realidade pós-colonialismo, onde o rap, funk, o samba surgem como elementos pouco “sofisticados” para os parâmetros

eurocêntricos, como dito por Pires (2019, p. 339)

A chamada arte primitiva é o que melhor representa a ideia de África construída durante este período da história contemporânea. O adjetivo primitivo, que qualifica o conceito europeu de Arte, expressa justamente a concepção formada sobre as culturas dos colonizados perante a situação colonial, estas ocupariam o espaço anacrônico e, portanto, estacionárias no tempo, incapazes de acompanhar a evolução e o progresso da civilização e exemplos vivos da primazia humana a longo esquecida pela cultura europeia.

A arte na educação brasileira surge dentro de parâmetros burgueses e segue esta linha por muito tempo, como dito por Sganzerlla (2011, p. 13)

A arte aqui passou a possuir uma concepção burguesa e elitista, pois anteriormente, mais precisamente entre 1549 e 1808, a arte era desenvolvida em oficinas de artesãos (valorizando a prática) e inspirava-se na formação do Barroco Jesuítico. Com a influência francesa o aprendizado através do trabalho, do período anterior, deu espaço a árduos exercícios formais. Nessa época, a arte era ensinada na escola secundária, nas escolas elementares particulares, não fazendo parte do currículo da escola elementar pública.

Após a abolição da escravidão e a busca pelo “embranquecimento” populacional e cultural, a arte na educação se tornou importante no currículo nacional, buscando se basear em modelos ingleses e americanos, para que então pudesse se tornar mais “sofisticada” (Sganzerlla, 2011)

A educação deve surgir não só para apresentar conceitos, mas também para libertar e construir pessoas críticas, e para isso é preciso que a mesma também seja crítica. O ensino de arte se baseia em uma construção eurocêntrica, e quando falamos de arte nacional, trazemos elementos claramente carregados de uma cultura burguesa e que pouco se aproxima da estética periférica.

Apesar da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 garantir a obrigatoriedade da educação artística dentro do currículo da educação básica, o ensino de arte no Brasil segue se afastando dos conceitos artísticos periféricos. Assim, surge então o Hip-Hop, para reafirmar a arte periférica e a cultura de um povo oprimido.

“É preciso afirmar com coragem que “a arte segue presente”, e na periferia ela segue estampadas nos muros, nos corpos que transita nas ruas e becos, nas brincadeiras das crianças e na musicalidade tocada” (Silva, 2021,p. 4)

### 2.3 O Hip-Hop e a Educação

Dentro desta pesquisa, o enfoque principal da parte teórica é apresentar a importância do hip-hop dentro da educação não formal, principalmente dentro da periferia. Este movimento cultural se tornou durante anos de desenvolvimento algo extremamente importante na construção da sociedade periférica e em suas lutas.

O Hip-Hop é hoje no mundo um expoente na arte, tendo revolucionado com seus contrapontos todos os seus meios e visões, seja na música, na dança e nas artes visuais. Porém, sua presença vai muito além disso. O Hip-Hop é a ligação e a reafirmação cultural de um povo historicamente oprimido, que se viu obrigado a ressignificar toda sua cultura para tentar salva-la da completa extinção. Atualmente, os elementos da cultura Hip-Hop estão presentes dentro da sociedade, desde as classes mais altas, que consomem o Rap e a estética da cultura, até as camadas mais baixas, onde ela se manifesta e existe em sincronia.

A periferia brasileira adaptou o Hip-Hop, trazendo-o para sua realidade, e os próprios artistas que construíram as bases dessa cultura desejavam que sua arte ficasse somente ali, na periferia, pois ela deveria passar não só a realidade cruel, mas também a beleza da vida periférica mesmo com as dificuldades.

Como dito por Alves (2008, p. 21)

O fato de ter me enveredado pela pesquisa do Rap e seus sujeitos acabou por reforçar o meu pertencimento étnico/racial e, também, a necessidade de valorização da memória de um povo que, há várias luas, foi seqüestrado da África e trazido para o Brasil. Após a “abolição” da escravatura, esse povo caiu no esquecimento da sociedade no que se refere à sua importância para a construção cultural da nação.

Falando sobre Hip-Hop, em diversos aspectos e até mesmo nesta pesquisa, nos referimos a ele como um movimento cultural. Porém, como dito por Santos (2017) considerar o hip-hop somente um movimento seria muito raso, um rotulo já predefinido e superficial, por isto, deve se pensar o Hip-Hop além de um movimento como um Universo em expansão, pois é um agrupamento de pessoas com intuítos semelhantes.

Para estudar sobre como o hip-hop pode influenciar na educação é necessário entender o que ele é.

- Hip-Hop é um movimento social;
- Hip-Hop é um movimento cultural;
- Hip-Hop é Arte;
- Hip-Hop é um movimento sócio-político-cultural;

- Hip-Hop é um processo educativo;
- Hip-Hop é uma ferramenta para a transformação;
- Hip-Hop é cultura periférica;
- Hip-Hop é filosofia da periferia;
- Hip-Hop é uma ideologia; ou
- Hip-Hop é tudo isso! E quem sabe mais do que isso... (SANTOS 2017, p. 31)

Tendo em vista que pode se considerar todos os pontos como corretos, o movimento é um ponto essencial para a compreensão da realidade periférica, para fora da escola e para dentro também. Para debater este ponto, levanta-se o questionamento como o de Ribeiro (2008, p. 109)

Questiono então o que há de tão mais significativo para se discutir e aprender em Educação Artística que não possibilita um espaço para o grafite e a dança de rua? O rap não é considerado Produção Textual? O rap não é poesia? A história do Hip Hop não pode nos remeter à História da diáspora africana e à África? A filosofia não pode ser discutida no Hip Hop? A sociologia? O movimento contido na dança de rua não pode ser considerado pela Educação Física? Ou a dança de rua não seria significativa?

Dentro da escola formal o Hip-Hop surge presente nos vestibulares, como o livro “Sobrevivendo no Inferno” do Racionais Mc’s, que é leitura obrigatória para o vestibular da UNICAMP, assim como diversas outras letras que já apareceram em vestibulares. Ele aparece em momentos esporádicos dentro da escola ou nem mesmo aparece, mas dentro dos projetos sociais que acolhem estas crianças e adolescentes ele surge como um dos principais instrumentos de incentivo, um caminho para sonhar, mudar sua realidade, expressar seus sentimentos.

Tal qual o Hip Hop, a lógica da educação não formal e da interdisciplinaridade emerge da coletividade na qual prevalece a interação entre os envolvidos no processo educativo. Considerando essa ideia, o ensino, quando pautado pela interdisciplinaridade e pela ampliação além da escola, possibilita a construção do conhecimento global, em detrimento do saber restrito aos limites disciplinares.

Dentro dessa lógica da educação, compreende-se a ideia de que a cultura e o conhecimento se transformaram, para os indivíduos dos mais variados grupos sociais e culturais, no acesso a um mundo globalizado, bem como no mais importante espaço de resistência e de luta social. (MEDRADO, 2020, p.59)

Nesta perspectiva é preciso compreender a importância da perspectiva da educação não formal na periferia e de como a aplicação do Hip-Hop nestes locais amplia todo o leque de conhecimento. Para compreender mais sobre as maneiras que o universo do hip-hop pode contribuir para a educação, é necessário entender do que se constitui este universo. A formação se dá por 5 elementos, o DJ, o Mestre de Cerimônia (MC), o *B-Boy*, o Grafite e o Conhecimento (pois para viver o Hip-Hop é preciso estudar, debater, conversar, transmitir conhecimento e

aprender com o outro, o Hip-Hop prega a ideia de que todos tem algo a ensinar e a aprender) a constituição da arte com a música, a dança e a pintura. A união do MC com o DJ, trouxe um elemento para o hip-hop que é o Rep (Ritmo e Poesia) extremamente importante para o crescimento e a expansão da cultura.

### 2.3.1 O Deejay (DJ)

O início do hip-hop se dá devidamente ao DJ, pois foi com ele que o movimento teve seu início. Com os aparelhos de som, os *sound system*, os jovens negros que futuramente seriam conhecidos como Dj's iniciaram *remix* de músicas conhecidas, juntando 2 *singles* diferentes, ou mixando um em uma nova música, criando novos estilos, trazendo um ar diferente para sons antigos.

“O *disc-jockey* (DJ) ou deejay é a(o) música(o) instrumentista do Hip-Hop. Munido de *decks*, ou *turntables*, discos de vinil, fones de ouvido e muita criatividade, ela ou ele é a(o) responsável pela base musical do rap.” (Santos,2017). Trazendo uma explicação palpável para o papel de um DJ, podemos pegar como exemplo Shaolin *Fantastic*, um personagem fictício da série *The Get Down*. Shaolin é um dos personagens principais do seriado, ele é conhecido por seus grafites, mas começa a estudar para se tornar um DJ, ele estuda com o personagem *GrandMaster Flash* que além de ser um personagem da série, foi o primeiro DJ a mixar os discos de vinil pra fazer novas músicas. O objetivo de Shaolin é se tornar um dos maiores DJ's, e formar um grupo de hip-hop.

Dentro do contexto da cultura hip-hop o DJ tem seu destaque.

Destaca-se que inicialmente cabia ao DJ que em sua origem realizava performance ao vivo em festas, fazia-se notar pela destreza em lidar com o aparelho toca-discos, onde através de discos conhecidos pela mídia, faz seu som transformando a trilha sonora já conhecida por todos em outra música mixada. Também era missão do DJ fazer a comunicação com o público que lhe assistia, paulatinamente os discursos proferidos transformaram-se em letras elaboradas inclusive tornando-se estrofes de letras. É neste contexto que os MC's ganham mais espaços ao lado dos DJs. (OLIVEIRA 2004, p.65)

O elemento do DJ dentro da cultura Hip-Hop não só é essencial, como é um dos principais pontos para seu surgimento. Sua existência levou a uma revolução da compreensão da produção musical no mundo, além de que, no Brasil, os Dj's são os responsáveis pelo desenvolvimento dos Bailes *black* de São Paulo, que deram início a um processo de elevação da cultura negra no Brasil.

Os bailes black contemporâneos surgiram em São Paulo na segunda metade da década de sessenta. Eles são originários de festas de aniversários, de casamentos, de batizados em residências, que eram animadas por Discs Jockeys (DJ). Ao mesmo tempo são também resultado do desenvolvimento tecnológico da época. O nome black demonstra uma forte influência identitária negra nessas novas organizações de lazer. (FÉLIX, 2005, p. 52)

A construção do DJ traz algo de elementar para música que é a utilização dos elementos já existentes com batidas de tambor que remetiam a uma sensação ancestral (Mano Brown, 2022), a reafirmação da cultura negra com o tambor que levará tantos estilos musicais negros à marginalidade, como o samba, e futuramente em sua história, o Rap.

### 2.3.2 O Mestre de Cerimonia (MC)

O mestre de cerimônia, ou mc, no hip-hop hoje é uma das maiores referências do movimento, pois é ele quem dita os caminhos dos shows, das músicas com as letras, a poesia, é quem traz o público a conhecer os grupos ou até mesmo o próprio mc. Porém hoje, essas pessoas são mais conhecidas por pseudônimos ou por seus próprios nomes, como afirma Santos (2017,p.79):

No princípio da “onda” Hip-Hop, a(o) MC exercia o papel da animadora e do animador dos bailes. As pesquisas, até o momento, apontam a(o) MC como criador do rap, contudo, o rap foi um elemento que surgiu após a presença desta importante figura, no desenvolvimento do Hip-Hop. Característica muito presente nos bailes blacks brasileiros, entre os anos de 1980 e 1990, e adotada pela juventude funkeira como parte do seu pseudônimo, o termo MC já não está tão presente na cultura Hip-Hop atual.

Quando se analisa o Hip-Hop como adaptação cultural de matriz africana, pode-se comparar os mc’s aos *griots que* são artesãos da palavra no Oeste africano. Trata-se de um ofício tradicional e hereditário, que passa de pai para filho ou de mãe para filha. (RODRIGUES, 2011).

A cultura africana trouxe consigo durante o período da escravidão a tradição da palavra, da fala como transmissão de conhecimentos já estabelecidos por aquela sociedade. Isso perante a ciência eurocêntrica seria um afronte, afinal, era necessário o registro para que se pudesse comprovar o fato contado.

Para sujeitos nascidos no mundo da escrita, pode ser difícil compreender o valor da tradição oral, porém, alguns autores do próprio continente africano trazem em suas obras informações que elucidam o funcionamento dessa tradição para nós, que cultivamos o hábito de antes consultar uma enciclopédia (hoje em dia virtual) à um ancião. Nesse sentido, Hampâté Bâ explica em seu texto “A tradição viva” que o ato de adquirir informações através da oralidade não é tão simples quanto parece, e que envolve um árduo processo de capacitação por parte dos indivíduos que transmitem essa história e qualificam-se para serem escutados pelo seu povo. (COVALSKI, 2017, p.22)

Dentro deste ponto, os *griots* são os contadores de história do oeste africano, aqueles que embelezam as histórias, as cantam e passam para a frente a realidade vivida pelo povo de geração em geração. Trazendo para a atualidade, numa realidade de pós-escravidão, de um povo que perdeu parte de sua cultura graças a opressão do colonizador, pode-se afirmar que o MC passa a trazer esta referência de quem vai contar a história, passar para a frente a realidade vivida.

Para exemplificar como estas histórias podem ser contadas por um MC, temos a música Canção Infantil do músico César MC, que retrata a realidade infantil na periferia brasileira utilizando-se de uma analogia as cantigas infantis, demonstrando fatos aos quais a sociedade se recusa a ver.

Era uma casa não muito engraçada  
Por falta de afeto, não tinha nada  
Até tinha teto, piscina, arquiteto

Só não deu pra comprar aquilo que faltava  
Bem estruturada, às vezes lotada  
Mas memo lotada, uma solidão  
Dizia o poeta, o que é feito de ego  
Na rua dos tolos gera frustração

Yeah, yeah, yeah  
Hmm, hmm, hmm  
Yeah, yeah, yeah, yeah  
Hmm, hmm, hmm

Yeah, havia outra casa, canto da quebrada  
Sem rua asfaltada, fora do padrão  
Eternit furada, pequena, apertada  
Mas se for colar tem água pro feijão  
Se o Mengão jogar, pode até parcelar

Vai ter carne, cerveja, refri e carvão  
As moeda contada, a luz sempre cortada  
Mas fé não faltava, tinham gratidão. (CESAR MC, 2019)

Neste trecho, a música faz uma comparação entre uma casa com uma melhor condição de vida e uma casa de periferia, com uma visão crítica e próxima. A música continua com a crítica, e logo em sequência da poesia de comparação, o músico traz os seguintes versos:

A vida é uma canção infantil

É sério Pensa, viu?

Belas e feras, castelos e celas  
Princesas, Pinóquios, mocinhos e

É, eu não sei se isso é bom ou mal  
Alguém me explica o que nesse mundo é real  
O tiroteio na escola, a camisa no varal

O vilão que tá na história ou aquele do jornal  
Diz por que descobertas são letais?  
Os monstros se tornaram literais

Eu brincava de polícia e ladrão um tempo atrás

Hoje ninguém mais brinca  
Ficou realista demais

Esta descrição crítica em forma de arte é o que representa o MC em sua essência, como trazer em forma de palavras não só elementos de raiva, tristeza e morte, mas também de uma essência periférica que deve ser vista e ressaltada, o embelezamento do povo preto como feito por diversos MC's, a fala sobre a vida adulta como feito por Emicida em 2019 com Amarelo.

Retirar o peso de que a existência periférica se reduz ao sofrimento.

### 2.3.3 Breaking

Muitas pessoas conhecem o hip-hop através do *breaking*, a dança se tornou um dos principais pontos de referência do universo hip-hop. O *breaking* traz um estilo diferente, jovem, irreverente, os dançarinos deste estilo são conhecidos como *b-boys* o *b-girls*, são eles que buscam no ritmo imposto pelo DJ uma forma de expressão corporal.

*BBoy* (pronuncia-se bi-boi) É o nome de quem pratica o break, dança que representa um dos três elementos do Hip Hop – os outros dois são o rap e o grafite. O termo e a abreviação de *Break Boying* e foi criado no *Bronx* (bairro de negros e hispânicos de Nova York), na década de 70, pelo DJ Kool Herc (DA REDAÇÃO 2004, p.27)

Hoje o mundo do *break* foi expandido, trazendo elementos de vários estilos musicais dentro das apresentações, permanecendo uma das referências do universo hip-hop. Quando se trata de hip-hop, a primeira lembrança de pessoas de fora do movimento é o *breaking*, ou seja, este é uma expressão importante para o movimento.

### 2.3.4 O Grafite

Um dos elementos mais conturbados do movimento hip-hop, o grafite já foi criminalizado e ainda nos dias de hoje é marginalizado como “pichações”. Uma expressão do movimento pelas ruas da cidade, isto é, o grafite, são obras de arte pintadas em paredes de escolas, prédios, casas, ruas.

No mundo o grafite é reconhecido como uma das expressões mais artísticas mais bonitas, segundo Funks (2019, p.1):

Chamamos de grafite inscrições ou desenhos rabiscados à mão sobre um muro, uma parede, um monumento, uma estátua ou sobre qualquer elemento que esteja na via pública. Em resumo, os grafiteiros pretendem intervir na cidade, aplicando a sua linguagem em espaços públicos. O objetivo é, principalmente, tecer uma crítica social. Grafite vem da palavra italiana “graffito”, que significa literalmente “escrita feita com carvão”.

Apesar de ser uma expressão utilizada pelo hip-hop, o grafite teve seu início bem

antes, durante o império romano com desenhos feitos de grafite nas paredes. A visão da política do grafite teve seu marco em Paris, quando foram utilizados como protesto com inscrições com escrita em paredes de lojas.

No Brasil, o grafite se espalhou pela cidade de São Paulo, mesmo estando em um período de ápice da ditadura militar. Hoje o Grafite está presente em todo o país como expressão artística.

### **2.3.5 Ritmo e Poesia (O RAP)**

Hoje dentro da cultura hip-hop, o Rap é um expoente forte e imponente, é o mais midiático, lucrativo e o que melhor traz a essência do hip-hop, pois ele nada mais é que a junção do MC com o DJ, a batida com a letra, a poesia com o ritmo, passando a mensagem de forma clara para o público distante da periferia. Não se pode falar de rap sem o explicar como uma expressão cultural da população negra no Brasil. Apesar de vários artistas que aparecem nos rádios ou Tv serem brancos, o rap é essencialmente algo ligado à cultura negra assim como o hip-hop. Em entrevista, o rapper Coruja bc1 (2017) levantou o seguinte questionamento:

“O sushi, deixa de ser cultura japonesa por ser feito por um Brasileiro? O mesmo serve para o Rap, não é porque gente branca faz que deixa de ser cultura negra”.

O rap hoje está presente de forma inerente à cultura de periferia, por mais que sua função não seja a mesma de seu início, sua lírica e métrica ainda são ótimas para o meio musical e a crítica expressa ainda é sobre a realidade da comunidade negra periférica. No início, o rap retratava o mundo do crime, não de forma “apoiativa”, mas crítica, como por qual motivo os jovens iam para o crime e de como era a vida no crime. O grupo de rap mais famoso da história nacional, o Racionais, que surgiu em meio ao caos da repressão policial nas comunidades negras no Brasil, representando em suas letras a vivência periférica sem pudor a palavra

Eu não sei se eles  
Estão ou não autorizados  
De decidir que é certo ou errado  
Inocente ou culpado retrato falado  
Não existe mais justiça ou estou enganado?  
Se eu fosse citar o nome de todos que se foram

O meu tempo não daria pra falar mais  
 Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo  
 E então que segurança se tem em tal situação  
 Quantos terão que sofrer pra se tomar providência  
 Ou vão dar mais algum tempo e assistir a sequência  
 E com certeza ignorar a procedência  
 O sensacionalismo pra eles é o máximo  
 Acabar com delinquentes eles acham ótimo  
 Desde que nenhum parente ou então é lógico  
 Seus próprios filhos sejam os próximos (Racionais MC's- Panico na Zona Sul- 1990)

Atualmente, o rap passa uma mensagem dos contextos sociais, mas também foi aberto um espaço para que os artistas possam se abrir pra novos horizontes, ou seja, fazer rap sobre coisas que não sejam só a repressão, mas também amor, felicidade. Exemplos de músicas sobre a depressão, como a música Amarelo do *rapper* Emicida e todo o processo de criação vindo após o álbum, como o documentário e os *podcasts*. O *rapper* Rincon Sapiência também é um expoente dentro do movimento, pois ele surge com o objetivo único de ressaltar a beleza e a estética do povo negro, falando de sua cultura, cabelo, roupas, cor de pele, trazendo elementos de tambores africanos para o rap.

Além da abertura que o rap trouxe para a realidade nacional, é no rap que vemos as principais críticas e vertentes, o conhecido como rap de mensagem é o que transmite as críticas atualmente, sejam elas à sociedade ou até mesmo à formação da cultura negra. Dentro do rap, um dos artistas mais conhecidos por fazer essas críticas é o Djonga (nome artístico), um *mc* que em suas letras referências históricas e até mesmo de cultura pop para representar sua fala, na música Deuses Ateus ele diz a seguinte frase:

Sem dom para herói, ficar vivo pra não ser enterrado como escória  
 Respeito eterno aos que partiram, mas me diga  
 X e M ou Jay-Z e Beyoncé, quem fez mais história?  
 Entendam, não é uma simples vingança Isso é estratégia. (Djonga 2019)

Uma crítica, em tese sem muita pretensão, mas que traz a construção do que se torna importante quando se trata do contexto racial. O Rap, além de tudo, hoje é um dos meios mais importantes para a reafirmação e concretização da cultura negra como algo presente no cotidiano.

## 2.4 A Pedagogia Hip-Hop

A pedagogia hip-hop é uma reafirmação da cultura como forma de expressão e também como forma de transmissão de conhecimento. Quando se trata da cultura do movimento, grande parte dela vem de influências africanas. E além de tudo, o hip-hop traz em sua essência o trabalho da língua, da expressão cultural, da história, da sociedade, formas de passar conhecimentos para a periferia de forma mais próxima e intimista do que os livros didáticos.

Para além disso, é necessário levar em consideração o hip-hop como uma expressão cultural negra e lembrar que a população negra sofreu represália, antes, durante e também após a escravidão, impedidos de estudar, ter terras e de difundir sua cultura. Desta forma, a pedagogia hip-hop, é uma reafirmação cultural de forma de ensino.

Cabe ressaltar o exemplo de nosso país. Não fosse a pressão histórica do movimento negro brasileiro, ao longo de quase um século, o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira estaria limitado a ações locais de alguns professores conscientes de que as tradições brasileiras não se limitam às europeias. A temática afro não era assegurada pelas diretrizes do ensino até 2003. Os temas indígenas só ganharam respaldo em 2008. (SIQUEIRA 2018, p.112)

A cultura do Hip-Hop vem como uma forma de expressão forte do movimento negro, a luta pelo espaço de fala e pelos direitos. A utilização tanto do rap, quando do grafite, do break nas escolas é algo que aproxima, além de tudo, a periferia dos estudos. Com o Hip-Hop, o acesso ao conhecimento se torna mais prático e muitas vezes traz prazer no estudo, o que impede que os alunos desistam do aprendizado. A pedagogia do Hip-Hop transita entre a crítica e a cultura, é uma reafirmação, mas também uma forma de auxílio a permanência dos jovens negros de periferia nos estudos.

Além disso, já não se vê somente a educação pelo Hip-Hop através de um sonho, como dito por Dias (2018,p.148)

Nos Estados Unidos, os estudos referentes aos trabalhos realizados com o Hip-Hop e a educação, vêm sendo discutidos há anos, tais como o projeto Hip Hop Education, em que a comunidade e a universidade se unem para desenvolver uma educação alternativa e o Hip-Hop é utilizado como uma ferramenta interdisciplinar, coordenado por Martha Diaz.

A ideia de trazer o Hip-Hop para a educação periférica adentra toda a construção da Pedagogia crítica, pois os elementos que estão presentes nesta cultura se remetem diretamente à crítica à uma sociedade que foi construída através de um sistema escravista que reprimiu a cultura negra por centenas de anos.

Este sistema escravista gera reflexos até os dias atuais, principalmente dentro da

educação, onde jovens negros e periféricos, que recorrem muitas vezes a Ong's ou projetos, ou que cumprem períodos de detenção em locais como a Fundação Casa, aprendem e propagam não construções de novos sonhos, ou de concepções artísticas, científicas, mas sim de servidão, aprendendo “profissões” que pressupõem a servidão (leva-se em consideração que nenhuma destas profissões deve ser desvalorizada ou compreendida como inferior), como por exemplo serviços de faxineiro, carpinteiro, servente de obras, entre outros (Dias, 2018)

Dentro destes estudos do desenvolvimento da Pedagogia Hip-Hop, temos constatação feita por Monica Amaral (*Apud* Dias, 2018, p. 149)

A pesquisa de Hill insere-se na mesma tradição etnográfica nas escolas ensejada pelo multiculturalismo crítico, tornando o Hip-Hop não apenas como estratégia de ensino “culturalmente relevante”, mas sobretudo, como salienta Gloria Ladson-Billings, no prefácio da edição americana, como sendo fundamental para o desenvolvimento da identidade, contribuindo, desse modo, para o engajamento da juventude negra e latina nos Estados Unidos com a educação. De acordo com Hill, o Hip-Hop não é subgênero cultural, mas é expressão de uma identidade libertadora e de afirmação dos jovens afroamericanos das periferias das metrópoles espalhadas pelo mundo. É com essa postura que ele propõe a Pedagogia Crítica do Hip-Hop, como expressão de uma política de identidade para esta população

Com essa percepção, a presença da cultura Hip-Hop se apresenta de maneira física na sala de aula, pois ela define e transborda toda a identidade da periferia, ainda seguindo o pensamento da autora Amaral (*Apud* Dias, 2018, p. 152)

A proposta de utilizar a cultura Hip-Hop em sala de aula, não como um método prescritivo, mas como uma estratégia de negociação e de diálogo entre educador e jovens, no que diz respeito às suas subjetividades e identidades, articulando as singularidades dos alunos com experiências coletivas, parece fundamental para engajá-los em um projeto educacional, como condição do aprofundamento do aprendizado da cultura democrática na escola e do exercício pleno da cidadania.

Não se vê nesta pedagogia uma metodologia específica, pois o próprio Hip-Hop é fluído, dentro de seu conceito principal, ele acompanha a evolução da realidade periférica, saindo de críticas profundas, como as feitas por Racionais Mc's ao sistema, até a elevação da autoestima periférica feita por Rincon Sapiência. Esta versatilidade transforma a maneira a qual se pode aplicar o Hip Hop na educação, e como a Pedagogia Hip-Hop não se torna algo somente presente num mundo de ideias, mas sim na realidade material, a cultura é construída e constituída através da história e construção da sociedade periférica.

### **3. Metodologia de Pesquisa**

Para a construção desta pesquisa foram utilizadas duas maneiras, uma pesquisa teórica presente no tópico anterior, com levantamentos sobre os tópicos que constituíram a base da pesquisa.

Em seu segundo momento, foi utilizado um estudo de caso, onde foram feitas duas entrevistas com colaboradores do projeto Pequenos Obreiros de Curuçá com a finalidade de compreender o entendimento de ambos sobre os temas da pesquisa e buscar a ligação entre a teoria e a prática no dia a dia do projeto.

Para isso, foi feita uma confirmação durante a entrevista de que os nomes de ambos poderiam estar presentes na mesma. A entrevista foi feita através de um diálogo mediado com algumas perguntas norteadoras.

## **4. Projeto Pequenos Obreiros de Curuçá**

Na música do Racionais, “Da Ponte Pra Cá”, Mano Brown disse “da ponte pra cá antes de tudo é uma escola”, pensando nesta frase, em realidade periféricas a rua é uma escola e o Hip-Hop, um professor. Porém, somente a rua não pode salvar estas crianças, e por isso existem projetos que abraçam as ruas, as “quebradas” e reafirmam a necessidade da escola se reinventar e entender as comunidades. Por isso, foi estudado nesta pesquisa o Projeto Pequenos Obreiros de Curuçá.

Após as leituras e pesquisas sobre os temas que regem esta pesquisa, foi feita uma entrevista com dois colaboradores do Projeto Pequenos Obreiros de Curuçá, para compreender de maneira melhor o funcionamento do projeto e as relações dele com o tema apresentado nesta pesquisa. Para isso, foram entrevistados a coordenadora do projeto Marly Falsetti e o ex-aluno e educador social Romário Eduardo Ramalho.

Marly é colaboradora do POC desde 2001, tendo sido convidada pelo projeto junto a seu marido para apadrinharem os jovens e estarem presentes no dia a dia do projeto. No período, ela era funcionária pública, mudando a carga horária em seu serviço para poder passar o dia no projeto e auxiliar seu marido no projeto. Para complementar sua função dentro do projeto ela se formou em serviço social, assim, passando de madrinha do projeto para assistente social em 2016 e se tornando coordenadora em 2017 até os dias de hoje. Marly também é supervisora de outro projeto organizado pelo POC.

Romário é um b-boy reconhecido na cidade de Bauru por seu apelido “Costelinha”, sendo uma referência no break da região e até mesmo do Brasil. Ele foi aluno do POC quando criança e participou de oficinas de Hip-Hop no projeto que o influenciaram a se dedicar ao break, levando ele a lugares inimagináveis até pelo mesmo, como um mundial de break. Hoje, Romário é educador social dentro do POC, passando para frente seus aprendizados com o Hip-Hop.

Ambos foram entrevistados sobre a importância do projeto para a comunidade e para si mesmos, sobre como o Hip-Hop se apresentava naquele projeto e como auxiliava, além de compreender melhor sobre a relação do projeto e da educação não formal.

### **4.1 Da Ponte pra Cá- POC e a Vila Dutra**

Em 1905 chega a ferrovia na pequena cidade de Bauru e com ela um grande crescimento

populacional. A Vila Dutra surge como um bairro de funcionários da ferrovia que trabalhavam em casas de máquina e até mesmo dentro dos trens da linha. Estas pessoas ganharam terrenos e construíram suas casas em um bairro consideravelmente distante do centro, porém próximo à linha ferroviária principal e suas ligações.

Desta maneira, o desenvolvimento do bairro se resumiu aos ferroviários em um primeiro momento, porém, com o passar do tempo e o desmanche ferroviário, outras pessoas foram chegando para o bairro e para as regiões em volta, constituindo bairros como Parque Real, Santa Cândida, Leão XVII e outros pequenos núcleos. Porém, diferente dos ferroviários que vinham para o bairro para trabalhar, já com terrenos garantidos, muitas das pessoas que chegaram depois buscavam uma região barata para ter um terreno e construir uma casa simples, e dessa maneira, pessoas pretas, pobres, constituíram os bairros em volta do núcleo ferroviário.

Esta construção fez com que, nos anos 80, os bairros e a região já estejam formados como uma região de vulnerabilidade, com escolas de bairro e sem nenhum projeto que acolhesse às crianças, o que gerou um aumento considerável no período na influência do tráfico no bairro. Até que no ano de 1995, a atitude uma moradora, esposa de ferroviário, cansada de ver as crianças na rua e tudo que se desenrolava, decide ocupar uma das casas de máquina ocupada pela ferrovia.

Em 17 de janeiro de 1995, a Associação de moradores, junto com esta mulher, em vista aos espaços extremamente precários presentes no bairro, realizou a construção de um projeto para acolher às crianças, e o espaço abandonado da companhia ferroviária foi o lugar perfeito, sendo este ocupado e estabelecido como sede do projeto. Após alguns anos, a ferrovia retirou as máquinas presentes no local e deixou o espaço para o funcionamento do projeto, que levaria o primeiro nome do bairro consigo, a antiga Estação de Curuçá que se tornou Vila Dutra se manteria viva na mente coletiva do bairro agora com o Projeto Pequenos Obreiros de Curuçá.

## **4.2 Os Pequenos Obreiros de Curuçá**

Em bairros periféricos por todo o país, crianças ainda brincam nas ruas e convivem com uma realidade completamente diferente a levada pelo senso comum da população geral que leva e ainda descreve o discurso “a mas as crianças de antigamente brincavam na rua”. O grande ponto, é que nestes bairros estar na rua nem sempre é só pela brincadeira, mas sim por encontrar um espaço de acolhimento.

Assim como dito anteriormente nesta pesquisa, é em momento como este que surge a necessidade e a importância da educação não formal em espaços periféricos, pois são estes espaços que vão dar a oportunidade de acolhimento e aproximação destas crianças, pois muitas vezes a escola não consegue por falta de estrutura ou até mesmo por sua forma de trabalhar os conteúdos naquele ambiente. Estes projetos são responsáveis por criar vínculos entre estas crianças e para além disso, desenvolver atividades e oficinas que levem os mesmos que é possível sonhar com algo melhor.

Durante um podcast o MC Salvador da Rima diz que quando se vem de “quebrada” você tem duas vidas, uma em casa e uma na rua, pois muitos meninos e meninas tem uma família em situação de vulnerabilidade social na periferia. Este dado traz uma alusão simples ao problema, pois o abandono paternal é um ponto simples dentro da periferia brasileira, onde muitas vezes a criança tem o pai ou a mãe em cárcere e são criados pelos avós. Voltando a fala do MC, você é uma pessoa na sua casa, tem um nome, na rua, você tem outro nome e outra família.

O problema surge quando o acolhimento não vem de uma falta de afeto, mas sim da necessidade de trabalho exagerado do responsável financeiro, uma falta de possibilidade de acolhimento por parte da escola destas crianças, o que muitas vezes pode leva-las ao caminho da criminalidade por necessidade ou ilusão de uma melhora de vida. Neste momento projetos sociais se tornam extremamente relevantes, entrando na vida dessas crianças e adolescentes.

Neste momento, surge a importância da comunidade acadêmica, ou até mesmo daqueles presentes no bairro tomarem uma iniciativa e foi isso que houve na Vila Dutra e região, o surgimento do POC para acolher estas crianças e suas famílias. Em entrevista com a coordenadora atual do projeto Marly A. Falsetti ela descreve a região da Vila Dutra é um bolsão de famílias muito vulnerável e com uma margem forte de criminalidade e a preocupação vem das crianças passarem um período na escola e o contra turno na rua, porém, com o projeto, estas crianças tem a oportunidade de ter contato com a arte, a dança, a música, porém ela afirma que o projeto não tem o funcionamento de uma escola e nem deve ter, ele tem a função de acolher a criança e oferecer as oficinas para que eles mesmos escolham o que querem.

Este modelo traz a oportunidade da identificação das crianças e adolescentes com o que está sendo apresentado ali, pois eles se tornam protagonistas de suas vidas, tem a chance de escolher o que querem e se desenvolverem no que gostam. Muitas vezes, a escola formal não apresenta um ambiente propício para este desenvolvimento, por se prender a métodos conteudistas e pouco interessantes para crianças de uma região onde a maior preocupação é a

sobrevivência.

Dentro do POC existem diversas oficinas entre esporte, arte e outros aspectos. Estas oficinas são organizadas por educadores sociais, muitos que já foram estudantes do projeto e em sua maioria moradores da comunidade. As crianças têm acesso a alimentação na sede, além do acompanhamento familiar feito diretamente pela coordenação e o grupo de serviço social.

O trabalho com estas oficinas no projeto traz a questão da relevância destes temas nas comunidades periféricas, a arte e o esporte se tornam meios para um escape daquela realidade, um caminho. Além de que, é nestas oficinas que a arte periférica surge e se reafirma, como dito anteriormente nesta pesquisa, a negação da escola forma enquanto ambiente educacional de trabalhar com a formação da arte de rua, do grafite, da dança e da música que está próxima daquelas crianças, reverberando um conteúdo eurocêntrico e distante do que é real para eles. Dentro do projeto, essa aproximação existe, a arte se torna ligada a vida das crianças mesmo que em instrumentos de música clássica como a flauta, pois a identificação está na maneira com que se trabalha e aproxima o tema da realidade deles.

A escola não é o único ambiente de conhecimento, as ruas de bairros periféricos exalam sua cultura, desde a construção das casas ou as brincadeiras de rua. Esta construção cultural também deve ser desenvolvida, as oficinas apresentadas trabalham estas construções, dando continuidade e profundidade para algo já existente na realidade na vida das crianças. O processo de aprendizagem destas oficinas se expande na interdisciplinaridade existente dentro de cada uma delas, como oficinas de teatro trabalhando a leitura e a escrita, assim como a desenvoltura oral da criança.

A coordenadora Marly exalta a felicidade e o carinho em trabalhar ali, descreve o POC como um filho para ela e para o marido, que foram convidados a apadrinhar o projeto no início dos anos 2000. A formação de Marly em serviço social surge como uma escolha dela em se dedicar ao projeto e compreender melhor em como auxiliar aquelas famílias, um exemplo disso vem em um ponto do diálogo onde a mesma explica a grande importância do acolhimento daqueles jovens em diversos exemplos.

Trazer para estas crianças o sentimento de que fazem parte da construção do projeto e que são bem vindas independente das dificuldades em disciplinas formais, ou dos problemas em casa. Este ambiente se torna propício para o trabalho da educação não formal, toda a aproximação cria um vínculo onde até o tema mais complexo ou a oficina mais difícil se torna prazerosa, pois se torna parte da construção não só da aula, mas também do local.

Durante o período pandêmico o projeto teve extrema importância para a comunidade, pois como os pais muitas vezes não tinham condição de ajudar o filho a estudar de casa, não entendiam sobre o computador e mesmo com o kit da prefeitura, muitos não sabiam mexer naqueles aparelhos e nem mesmo ajudar no processo mais formal de educação. Então o projeto se mobilizou para ajudar estas crianças durante toda a pandemia junto aos educadores.

Como um projeto de convivência social é necessário seguir algumas normativas estabelecidas pela prefeitura, logo, o POC não traz a questão da educação escolar como um enfoque principal, porém, existe um acompanhamento das crianças junto a psicóloga do projeto, para que se possa ajudar a escola e a família e principalmente a criança que tiver alguma dificuldade, sendo implementado um reforço na área necessária em contato direto com a escola.

Este ponto é importante, se compreende que o projeto não tem o trabalho de disciplinas formais da escola, sendo um serviço de acolhimento, mas mesmo assim, acompanhando os alunos em um espaço de defasagem da escola. Onde estes alunos muitas vezes não são reconhecidos como pessoas, mas sim como só mais um que irá passar e estudar para arrumar um trabalho.

É neste momento que surgem projetos como o POC, para suprir este buraco deixado pela escola, este sentimento de vazio ou até mesmo de abandono. Espaços de educação não formal não são somente aqueles que visam reafirmar os conteúdos ensinados na escola, mas também aqueles que identificam outros tipos de conhecimento e trabalham para que seus alunos possam desenvolvê-los. No caso, as oficinas são os meios de desenvolver estes pontos, no esporte ou na arte.

Para além do projeto e instituições, é necessário também ver as pessoas que estão ali, é preciso ver os pequenos obreiros de Curuçá, aquelas crianças e adolescentes presentes no projeto, ganhando novos sonhos, novos caminhos. Diversos exemplos surgiram durante a entrevista com Marly.

Antes de perceber os exemplos dados por Marly, deve-se entender mais sobre as pessoas presentes no POC. A região atendida pelo projeto é uma região carente e de vulnerabilidade, onde muitas vezes em um período pós aula muitas crianças ficam na rua, sem uma perspectiva de onde ou para onde ir, a falta de referência em casa ou de apoio na escola pode ocasionar uma suscetibilidade a criminalidade. Regiões como as atendidas pelo POC não são locais onde se constituem ideias dentro das crianças como ser médico, advogado ou até mesmo de que se é possível ir ao cinema ou outro ambiente considerado “normal”.

O primeiro deles, foi uma aluna do projeto a qual entrou lá como uma adolescente rebelde, que não se interessava, quando surgiu uma oportunidade de treino de atletismo junto a Associação Bauruense Desportiva de Atletismo (ABDA), ao qual esta aluna foi inscrita e como boa rebelde sempre aparecia de chinelos para não ter que treinar. Foi quando em um dia o treinador viu potencial na menina e conversou com a mesma sobre aonde ela poderia chegar com o atletismo, hoje, esta menina é medalhista brasileira e se prepara pra um dia chegar a uma olimpíada. Outro exemplo, é uma aluna destaque no Futsal que começou treinando no projeto junto a um ex-aluno, morador do bairro que se tornou educador e implementou uma oficina de futsal para meninas e meninos, hoje, esta aluna joga na Suíça e já chegou a representar a seleção brasileira de Futsal.

É preciso compreender um ponto, como dito por Silvio Almeida no Podcast Mano a Mano em 2022, como se considerar alguém especial quando se sai de um lugar tão desigual onde tantos tão bons quanto nós ou até melhores, perderam no caminho por conta das dificuldades.

Por isso, é necessário falar da vitória periférica também enquanto realidade material, além do sonho. Marly mesmo diz, que não são todos que conquistam medalhas, mas constituem famílias, se estruturam, conquistam vitórias do dia a dia. Nem todos são salvos da criminalidade, existem exemplos do projeto que infelizmente seguiram por outros caminhos, porém, em um ambiente onde a oportunidade é tirada destas crianças todos os dias, o POC traz uma luz, não somente para formar campeões, mas para mudar a realidade de diversas crianças de uma região esquecida de uma cidade, para construir sonhos.

Quando se fala de construir sonhos, é necessário entender como apresentado nesta pesquisa que não é sobre enriquecimento, medalhas. Quando falamos de educação não formal estamos falando da constituição também de algo coletivo, a compreensão da realidade, o entendimento daquele aluno como um ser humano. O processo de se compreender como um cidadão como os outros de classes mais altas, entender que é possível ocupar espaços aos quais não se via possível. O fato de uma criança de periferia entender que pode ter a chance de ocupar espaços considerados como impossíveis também faz parte da constituição do sonho.

É neste momento, na identificação da criança como um cidadão que pensa, fala e acrescenta na sociedade que surge a importância das oficinas de arte apresentadas pelo projeto. Nesta pesquisa foi ressaltada o quanto essencial a arte é para a identificação cultural e desenvolvimento do ser humano desde seu início. Dentro do espaço periférico a arte é presente e muitas vezes é negada na escola formal, seguindo com o pensamento retrógrado de que é

necessário falar somente sobre arte clássica europeia, fugindo das ideias da arte periférica nacional mais presente na realidade destas crianças. A música, o teatro, a poesia, a pintura, todos estes elementos são essenciais para o desenvolvimento de um ser humano, a arte é uma parte essencial da formação do ser humano e na periferia ela surge como um movimento cultural, o Hip-Hop.

Neste ponto, dentro do projeto, surgiu um diferencial, um detalhe que o uniu e aproximou como nunca da comunidade e daquelas crianças, um que salvou a vida de um menino que se tornaria educador do projeto e campeão mundial de *break*. Marly diz que quando o Hip-Hop chegou no POC foi possível perceber que aquela era a área daquelas crianças, é uma ponte para um novo sonho, um novo caminho.

### **4.3 Costelinha- O Hip-Hop na prática.**

Antes de tudo, é preciso falar sobre “fúria”, uma sensação que não vai estar nos livros acadêmicos, não irá surgir nas pesquisas demográficas, não será trabalhado nas escolas, o sentimento de raiva que meninos e meninas de periferia sentem todos os dias. Aprende-se desde cedo que sentir ódio é ruim, faz mal, porém, não é ensinado como lidar com ele, como canalizar ele. Diversos rappers falam disso, no próprio diálogo entre Emicida e Mano Brown no podcast Mano a Mano, ambos citam a importância desta raiva para chegar aonde chegaram, Silvio Almeida, atual Ministro dos Direitos Humanos, também fala sobre esse sentimento de ódio que sente.

Isso está presente todos os dias, a sensação de que não é possível chegar ao sonho, ou até mesmo tentar, se estuda para “poder ser lixeiro”, para não se morar na rua e não para sonhar. Na entrevista com Marly, ela fala sobre essa fúria e como ela cresceu durante a pandemia, como a escola não sabe lidar com a fúria, ela dá o exemplo de um menino que trazia reclamações por parte do professor na escola sobre comportamento, ao qual a mãe repassava para o projeto, o mesmo menino que ao ouvir um “não” jogava cadeiras no chão no projeto, a solução vinda da escola formal provavelmente viria do punitivíssimo, afinal, ele é baderneiro, sem futuro, “mais um desses meninos”. A solução de Marly é diferente e vem acompanhada de uma fala marcante, um abraço e um simples diálogo, “eu vou te ajudar, se você estiver com dificuldade na escola, traz para cá, nós vamos ajudar você no que precisar, não vou brigar com você, nem te por te castigo, eu quero te ajudar”, a reafirmação de que a escola não vê a família daquela criança, a comunidade, o momento, a realidade, a escola vê só mais um e muitas vezes desiste de ajudar

aquela criança.

Neste momento, podemos falar da importância do trabalho da arte na educação e como o Hip-Hop cria uma interlocução em espaços como o POC. A arte é construída através da sociedade, da história, porém, ela também constrói esta sociedade, é uma relação de simbiose. O elemento artístico dentro da vida do ser humano, então é preciso compreendê-la como essencial para seu desenvolvimento.

O Hip-Hop, aproxima estes adolescentes, adultos, pretos, pobres, periféricos, ele acolhe e carrega e dentro do POC, ele acolheu, abraçou estas crianças e trouxe novos horizontes. Um em destaque, Romário Eduardo Ramalho, o “Costelinha”, ex-aluno e educador social do POC.

O próprio conta que antes de chegar no POC já conhecia o Hip-Hop, mas que estava afastado, sem contato, pois havia se envolvido em caminhos aos quais não deveria. Quando surge o projeto de Hip-Hop no POC, ele se aproxima e se envolve, porém, em seu primeiro dia, ele chega alterado, após o uso de entorpecentes e neste momento um educador chegou nele, nas palavras do mesmo, do jeito do Hip-Hop e conversou com ele sobre a vida, sobre as coisas e sobre como a cultura Hip-Hop poderia mudar tudo, uma conversa de igual para igual, onde o menino se sentiu acolhido e voltou pra sua paixão o *break*.

A perspectiva criada pelo Hip-Hop, para além de tudo, fez o papel ao qual é designado da educação, afinal, o principal papel da educação é libertar e criar um ser humano crítico. Afinal, mesmo já tendo o conhecimento da existência do Hip-Hop, foi necessária a intervenção do educador e do espaço do projeto para que se pudesse desenvolver aquela aptidão já presente em Romário.

O papel da educação é auxiliar e reafirmar a identidade do ser humano na sociedade, sendo ela em um ambiente formal ou não formal. O Hip-Hop, surge em ambos os ambientes como a reafirmação de um povo e de uma classe social por muito oprimida e que tem sua cultura desconsiderada e marginalizada por outras classes.

Por isso, projetos como o POC são importantes, para que pessoas como Romário se desenvolvam e tomem consciência de sua importância perante o ambiente social, pois se existe a falha na escola com estas crianças, os projetos e o Hip-Hop surgem para suprir este buraco e construir estes pontos. O processo educacional não se dá somente em espaços físicos e a educação não formal se limita somente a projetos, mas também se apresenta nas ruas, nas musicalidades, nos movimentos culturais, como o Hip-Hop.

Após alguns anos, Costelinha voltou para o projeto como Arte Educador e dando aula

de *break*, vendo evolução de diversas crianças, em seu convívio entre elas, começando a falar mais, interagir mais e logo depois se tornou educador social, o mesmo fala que a linguagem que utiliza é a do Hip-Hop, pois não é necessário criar uma aproximação, construir, pois ela já existe, esta ali, conectando as crianças com a cultura e com a educação.

Assim, pode-se compreender o processo de retorno criado pelo projeto, onde se pode retomar um questionamento do início da pesquisa citado por Ribeiro (2008), não há um espaço para o Hip-Hop também na educação formal, na escola, pois é possível trabalhar a interdisciplinaridade do movimento, como o Rap uma produção textual, ou até mesmo, uma referencia no debate da história e diáspora africana no Brasil. O *Break*, reconhecido mundialmente como uma revolução na dança ser considerado em aulas de educação física. A utilização da história do Hip-Hop para falar sobre sociologia no espaço nacional.

Para Romário, o projeto é de extrema importância para a região, pois sem ele muitas vezes “nós cresceríamos em um lugar sem perspectiva de nada” em sua próprias palavras. A região é carente de ambientes propícios para lazer, fora praças, as quadras e o campo de futebol estão sucateados e somente são arrumadas pelos moradores. Sem o POC, não haveria um local para estas crianças brincarem ou desenvolverem novas aptidões e caminhos. Estariam em lugar sem perspectiva, a margem da sociedade e expostos a opressão de diversas partes.

Enquanto educador social, ele cita diversas vezes o quanto vê a evolução dos alunos quando trabalham com Hip-Hop, crianças com dificuldade de falar em público se tornando protagonistas de sua própria fala, o desenvolvimento da escrita e também da maneira como eles se enxergam e se reafirmam.

Este processo, também existe na escola, o processo de humanização, do desenvolvimento do ser humano, de seu convívio social, algo trabalhado e falado por pedagogos, a importância da oralidade e da escrita na construção do ser humano. O trabalho com o Hip-Hop traz ambos os desenvolvimentos e este trabalho surge em sua maior parte dentro de espaços de educação não formal, que compreendem a necessidade de inserir não a criança em uma realidade diferente, mas sim, a realidade deles dentro do processo de desenvolvimento educacional.

Os espaços não formais criam a oportunidade de desenvolvimento destas crianças, como Romário, levando a seu trabalho e suas conquistas. Agora, ele faz parte deste processo para que outras crianças como ele possam desenvolver e alcançar estes espaços.

Na periferia, os sonhos são podados, Costelinha cita como durante seu período na escola

formal como estudante, sentia uma repressão por parte dos professores e da própria escola sobre o desenvolvimento artístico dos alunos, uma falta de incentivo, uma sensação de que não se pode chegar lá. Na música “Eu vim de lá”, o rapper Kyan fala sobre esta sensação de ser uma criança negra em uma escola periférica

Eu sei que é errado  
 Mas nasci e vivi vendo tudo isso  
 E na escola nem o mais estudado  
 Conseguiu explicar o porquê do racismo que eu tô sofrendo  
 Mas, senhor, por que tá me batendo?  
 Mas, senhora, por que tá escondendo?  
 Alguém me explica, eu não tô entendendo  
 Por que sou medido sempre onde chego?  
 Por que tão rindo do meu cabelo?  
 Por que a branquinha me olha estranho?  
 Por que ela acha que preto é feio?  
 Oh, mãezinha, por que que eu não nasci branco?  
 Se até na escola a professora Solange me olha com ódio e descaso  
 Porque sua filha perdeu a vaga pra mais um pretinho privilegiado  
 E ela que disse, na sala falou  
 Cota é desculpa pra ser vagabundo  
 Preto e branco é a mema coisa  
 E o racismo é desculpa pra tudo  
 Saí da escola educado por ela  
 E revoltado com tudo que via  
 A vida é corrida, tem o preto e o branco  
 E a largada é a mesma fita (Kyan- Eu Vim de Lá, 2021)

Numa perspectiva da escola tradicional, os processos que levam a realidade da família periférica cria dificuldades para o desenvolvimento daquela criança, porém, poucos são os casos onde há uma interferência e uma busca da escola em uma solução para isso. Há poucos exemplos de abraços como os de Marly.

A escola formal se constrói e constitui na perspectiva da importância do conteúdo, muitas vezes se limitando a entender algo que é muito citado e reafirmado no meio formal de educação e de pesquisas, que é a necessidade de entender a realidade onde a escola está presente. É neste momento que muitas vezes há uma falha que causa uma grande evasão escolar, pois os alunos não se sentem parte do que é construído na escola.

Costelinha era um dos meninos que viviam neste meio, sem sonhar e sem ser sonhado, que ouvia como vários outros que não era possível, de onde ele veio, vários vieram, estudaram para conseguir um trabalho, o mínimo. Mas como o mesmo disse, o quinto elemento do Hip-

Hop é o conhecimento, que nós precisamos conhecer, conversar, se passa o conhecimento independente da idade, um dialogo existente na teoria pedagógica histórico-critica, surge na pedagogia Hip-Hop conforme a construção do movimento, como os *griots*, as crianças tem conhecimento de sua realidade e da periferia e o Hip-Hop é o elo de ligação deste conhecimento com o além, conversar com a comunidade de um dia melhor.

Como dito por Costelinha, é preciso dialogar com estas crianças de igual para igual, ouvir o que ela tem pra dizer, pois se a criminalidade está presente em um local, o Hip-Hop precisa estar lá, para poder dizer que existe um outro caminho. Pois o sonho é uma vida tranquila, como dito por Mano Brown em Vida Loka pt.2

Tira o zóio, tira o zóio, vê se me erra  
 Eu durmo pronto pra guerra e eu não era assim  
 Eu tenho ódio e sei que é mal pra mim  
 Fazer o que se é assim? Vida loka, cabulosa  
 O cheiro é de pólvora e eu prefiro rosas  
 E eu que, e eu que sempre quis um lugar  
 Gramado e limpo, assim, verde como o mar  
 Cercas brancas, uma seringueira com balança  
 Desbicando pipa, cercado de criança ( Racionais Mc's- Vida Loka pt.2, 2002)

Assim como muitos, Costelinha, ainda enquanto Romário, não tinha um sonho, não se via capaz de alcançar novos lugares. E no momento em que estava no fundo do poço, surge uma oportunidade de participar de um evento internacional de *break*, mesmo relutante, foi pra fora, disputou o campeonato entre os melhores do mundo e ali ele percebeu que é possível e decidiu passar pra frente como educador do projeto tudo aquilo que aprendeu, pois faz parte do principio do Hip-Hop, não se cresce sozinho, ninguém chega lá sozinho, é preciso construir algo.

Em um momento, o Hip-Hop presente nos projetos sociais educacionais, de acolhimento, abraça e apresenta um novo horizonte, uma possibilidade de imaginar estes horizontes na escola formal, um ambiente para acolher estas crianças e expandir o horizonte das mesmas. O Costelinha é um exemplo da importância do POC para a periferia Bauruense e para além de tudo, a importância da presença do Hip-Hop dentro destes espaços, para que este sonho seja direcionado e seja possível.

## 5. Considerações Finais

Compreende-se através desta pesquisa que a função da educação não formal e da arte no processo educacional de crianças periféricas é extremamente importante, pois são meios de desenvolver e aproximar estas crianças do ambiente educacional que pode ser distante na escola formal. Dentro deste contexto o Hip-Hop surge como um meio para que esta unificação funcione, pois também se percebe que o trabalho da arte formalizada, dentro dos parâmetros presentes na grade disciplinas da escola não criam vínculo com pessoas e crianças de regiões periféricas.

O Hip-Hop é além de tudo uma expressão da arte presente nas ruas da periferia, presente em cada esquina, nos grafites, nas músicas tocadas, na convivência, por ter sua construção feita e baseada na periferia e na vivência periférica. Quando isto surge no ambiente de educação não formal, onde já se apresenta um objetivo maior de aproximação e acolhimento daquela criança e se foge do ambiente de sala de aula tradicional, a aproximação e o trabalho educacional se torna algo prazeroso para o aluno, pois aquele processo cria um significado.

Foi possível compreender também o papel de importância dos projetos sociais de acolhimento em ambientes de vulnerabilidade no processo educacional, tendo em vista que os mesmos acompanham e suprem lacunas deixadas pelo ambiente escolar. O acompanhamento tanto do aluno quanto da família se torna essencial para evitar a evasão escolar e para demonstrar a existência de diferentes maneiras de se estudar.

Apesar dos pontos positivos, também foi possível perceber que estes ambientes de educação não formal como os projetos sociais surgem das lacunas deixadas e falhas do sistema educacional, ao qual não se demonstra preparado a receber e compreender a realidade de vulnerabilidade de regiões periféricas, causando o afastamento e até mesmo a desistências de certas crianças da escola. Se demonstra necessária a preparação dos professores para o trabalho nestes ambientes e uma adaptação da maneira de se trabalhar as disciplinas escolares, para que se possa construir através da escola um processo de construção não de mais uma pessoa para o mercado de trabalho, mas sim de um cidadão crítico e consciente de si mesmo dentro da sociedade.

Dentro desta possibilidade, pode-se imaginar não uma relação de suprir a necessidade deixada pela escola nos projetos sociais, mas sim, uma simbiose onde ambos se complementariam, espaços não formais de educação como extensões e projeções do processo educacional. O vínculo entre estes processos muitas vezes não está interligado oficialmente,

porém, quando está como no POC, demonstra uma eficiência no quesito de auxílio mútuo em relação a criança e o processo de aprendizagem.

Para que este processo aconteça, é preciso que a escola se aproxime e inclua a cultura periférica em seu ambiente como os espaços de educação não formal. O Hip-Hop é a forma de expressão das dores, orgulhos, prazeres da vida periférica, é através dele que um povo oprimido trouxe de volta a liberdade de falar sobre sua beleza, suas crenças e sua existência. Apesar da repressão sobre o movimento, ele é significativo e presente, construindo diversas referências para pessoas periféricas.

Os DJs, MCs, Bboys, Grafiteiros, todos estes artistas que constituíram um movimento único, revolucionário, ressaltando a periferia em todos seus aspectos. Este movimento criou intelectuais, pensadores, mudou a vida de diversas crianças e adolescentes e a cada dia se torna mais relevante para a sociedade periférica, porém, continua sendo ignorado pelo ambiente escolar, tratado como a cultura africana durante séculos no Brasil, marginalizado.

Por fim, foi possível compreender através deste estudo a importância e a relevância existente nos processos de educação não formal através da arte e a importância do Hip-Hop dentro deste processo quando presente na periferia. Apesar de não existir uma taxa de 100% de jovens salvos por estes processos, é através destes ambientes, destes meios, que a educação tem tomado relevância na vida das crianças e adolescentes de periferia.

## Referências

- ALVES, V. A.; ARAGÃO, W. H. **De repente o rap na educação do negro**. 2008. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Paraíba
- Albano, A. A.; **Arte e Pedagogia: Além dos territórios demarcados**. Campinas: Cedes. Janeiro, 2010.
- DA REDAÇÃO. A história do Hip Hop: B.Boy na fita. **Super Interessante**, São Paulo, Agosto 2004.
- DIAS, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia hip-hop : o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica**. 2018. 198 f. Tese (Doutorado)- Fe- Usp, São Paulo, 2018.
- DJONGA; RET; DELACRUZ. **Deuses Ateus**. Pineapple Storm, 2019.
- FUKS, Rebeka. Tudo sobre o grafite no Brasil e no mundo (com imagens). **Cultura Genial**, 31 maio 2019
- GOMES, G. S. Programa Freestyle com Coruja BC1. (Entrevista concedida a) Marcílio Gabriel. **Programa Freestyle**, São Paulo, 23 fev. de 2017
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006, São Paulo (SP)
- KYAN. **Eu vim de lá**. São Paulo: *Pineapple Storm*: 2021
- MANO A MANO- **Mano Brown recebe Emicida**. Mano Brown. Local: Spotify, 24 de Março 2022.
- MANO A MANO- **Mano Brown recebe Silvio Almeida**. Mano Brown. Local: Spotify, 24 de Março 2022.
- MEDRADO, Tatiane Felix da Cruz. **Movimento Hip Hop, a voz dos Jovens Negros: Ideologia, Educação não formal e interdisciplinadridade**. 2020. Mestrado (Interdisciplinar em Ciências Humanas) - UNIVERSIDADE SANTO AMARO, São Paulo, 2020.
- MESSIAS, I. dos S.; CONCEIÇÃO, F. C. da. **Hip hop, educação e poder**. 2008. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da UFBA.
- OLIVEIRA, P. D. L. D. PARA ALÉM DO HIP HOP: juventude. **Motrivivência**, Florianópolis, p. 61-80, Dezembro 2004.
- PEREIRA, V. O.; GUIMARÃES, L. M. de B. **Arte/vida/trabalho e experiência docente**. 2010. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás
- PIRES, Lucas Aleixo. A construção da arte africana: criações de uma ‘situação

colonial'. **Temporalidades**, MG, 27 maio 2019.

RACIONAIS MC'S. **Vida Loka pt2**. São Paulo: Nada Como um dia Após o Outro: 2002.

RODRIGUES, R. A. R. **Busca de princípios para uma atuação a partir de estudos sobre os griots africanos e os jograis medievais europeus**. São Paulo: Dissertação de pós-graduação Unesp, 2011.

SANTOS, I. P. de O. et al. **A lei nº 10.639/03 e sua implementação nas escolas municipais de Campinas**. 2014. Dissertação (Mestrado ) — Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação

SANTOS, R. E.; SOUSA, A. P. de. **Hip hop e educação popular em São Luís do Maranhão**. 2007. Dissertação (Mestrado ) — Universidade Federal do Maranhão.

SANTOS, M. A. C. D. **O Universo Hip-Hop e a fúria dos elementos**. Sao Paulo: Tese de Doutorado FE-USP, 2017.

SEREJO, Bruna Rafaela Bobato. **Arte e Cultura: Um Olhar sobre a importância da manifestação artística regional de Amambal..** UEMS, MS, 28 fev. 2010.

SGANZERLLA, E. S. R.; GAEDE NETO, R. **A influência da arte-educação, nashistórias de vida, dos alunos de escolas públicas, do ensino fundamental II e médio, na região metropolitana de Salvador**. 2012. Dissertação (Mestrado ) — Faculdades EST..

SIQUEIRA, C. T. de; OLIVEIRA, M. W. de. **Construção de saberes, criação defazer**. 2004. Dissertação (Mestrado ) — Universidade Federal de São Carlos.

SIQUEIRA, K. G. D. **A pedagogia hip hop e o ensino culturalmente relevante em história: novas estratégias didáticas para o ensino fundamental em escolas públicas de São Paulo**. São Paulo: Dissertação de Mestrado FE- USP, 2018.